

POVOS INDÍGENAS

Cultura está ameaçada

CONTATO COM MUNDO CIVILIZADO ABALA TRADIÇÕES

NO AMAZONAS, APENAS QUATRO ETNIAS PERMANECEM COM A CULTURA PRESERVADA PELO FATO DE NUNCA TEREM TIDO CONTATO COM 'HOMEM BRANCO'

LOREDANA KOTINSKI
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

Vestidos com roupas como qualquer outro cidadão e discutindo assuntos em português, os índios do século 21 nem de longe lembram seus ancestrais. Não fossem os traços físicos e um sotaque inconfundível, eles passariam despercebidos em pleno dia 19 de abril.

Em mais de 500 anos de descobrimento do Brasil eles evoluíram com a população não índia, e hoje, encontrar etnias com a cultura preservada, é artigo raro no País.

Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), em todo o

Amazonas - Estado com a maior concentração de povos indígenas - apenas quatro etnias nunca tiveram contato com o chamado "mundo civilizado". Dos que já que mantiveram algum contato, a maioria absoluta teve sua cultura adulterada ou esquecida, explica o coordenador regional da Funai, Benedito Rangel Moraes.

São exceções os uamiris-atroaris e os ianomâmis, que apesar de terem enfrentado invasões em suas terras permanecem culturalmente preservados. Suas populações estão em franco crescimento e no caso dos ianomami até o hábito de vestuário foi mantido.

As outras etnias, especialmente as que sofreram com os primeiros contatos dos colonizadores, foram devastadas culturalmente. Em algumas não restaram nem lembranças.

É o caso dos cambeba, índios que habitam a região do Município de Tefé (a 525 quilômetros de Manaus). Hoje, eles são apenas 78 e somente dois deles ainda falam a língua da etnia: o omawa.

No banco da escola da comunidade cambeba, 20 professores índios tentam aprender a língua esquecida para lembrar aos alunos quem realmente são. O processo é lento, segundo o índio cambeba André Cruz, 21, estudante do curso de agrotécnica da Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos, sediada em Manaus. Há um ano eles iniciaram um processo de ensino da língua omawa por meio de relatos contados, no idioma, por um casal cambeba.

Os idosos foram os últimos a participar de rituais étnicos. Hoje, são responsáveis por manter vivo o que restou do seu povo. Narram histórias e contam casos na língua omawa, na tentativa de repassar para os jovens da tribo o que guardaram na memória.

André e o primo Sebastião Cruz, 22, estão na capital amazense desde 1998 e confessam nunca ter participado de qualquer manifestação típica dos cambeba. "Eu acho que a gente precisa aprender mais sobre o povo cambeba para tentar ter, pelo menos, uma história", disse ele.

Vereador se orgulha da origem

Vereador em primeiro mandato, de terno, gravata e sapato social. No rosto, os olhos puxados, a cor morena e os cabelos negros denunciavam: é um índio. E Darci Comapa, 34, não esconde o orgulho da origem, a tribo marubo, do Vale do Javari.

Há 20 anos os marubos eram 3 mil índios, já chegaram a 800 e hoje a população aumentou para 1,2 mil. Sorte de Comapa - conhecido como Panã, palmeira na língua dos marubos - que foi eleito pelos parentes. Mas se sobram votos, também não faltam problemas.

Da cultura eles preservaram os hábitos da pesca com envenena-

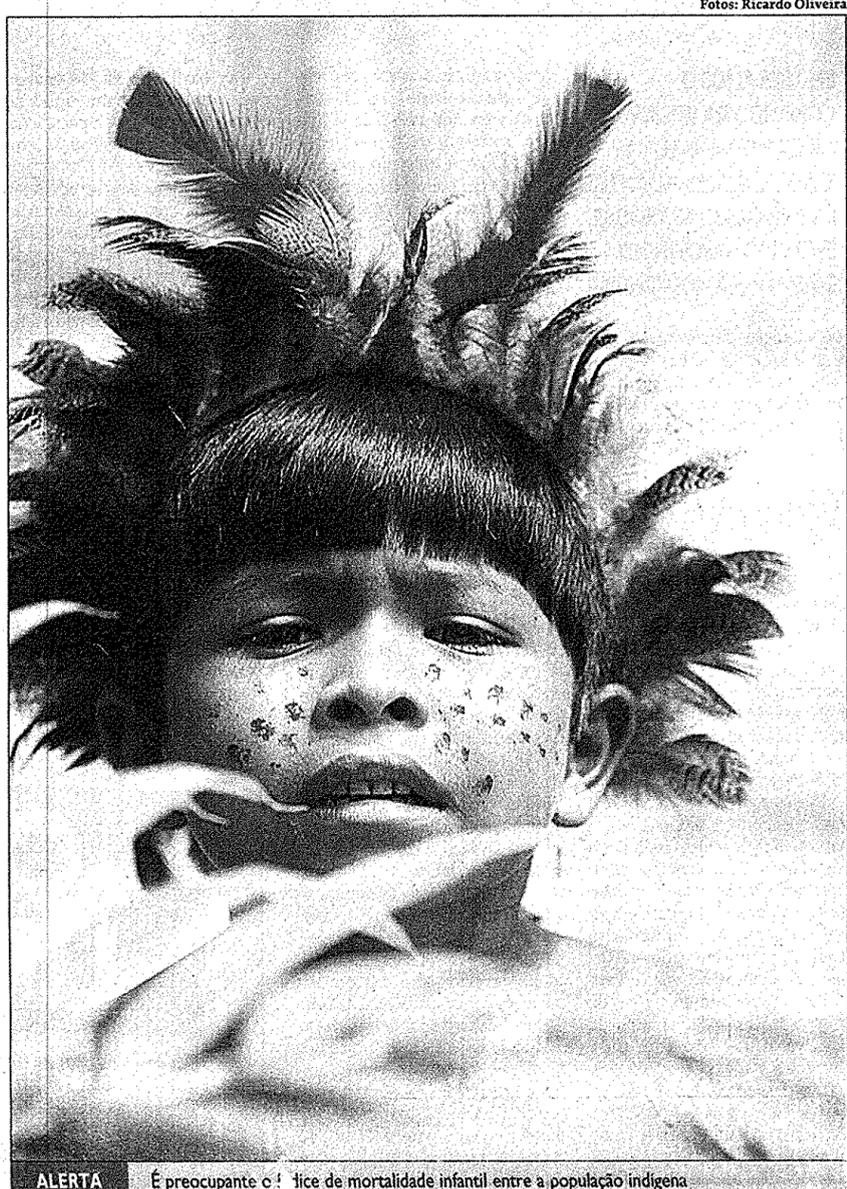
mento de peixes com folhas pisadas (o waka); as músicas, as danças e alguns ainda moram em malocas de palha. Mas muitos deixaram suas aldeias pela cidade. Buscam educação e vivência no mundo novo.

"Nós somos um dos únicos índios que, apesar de 200 anos de contato com brancos, ainda preservam suas tradições", disse Comapa. A mulher do vereador não é índia, mas ele garante que passa férias na sua aldeia natal.

Como político, o seu maior desafio é encontrar a resposta para uma pergunta, segundo ele assustadora. "Como vão estar os povos indíge-

nas daqui a cem anos?", pergunta.

Ele reclama que nesses 500 anos de colonização os índios foram esquecidos. "Hoje, querem preservar a natureza e nossa cultura e não nos consultam sobre isso", diz Comapa. "Se nós matamos um macaco para comer, os ambientalistas nos discriminam. Como pode, se eles não nos conhecem?", disse. Comapa quer escolas profissionalizantes dentro das aldeias indígenas para evitar a evasão dos índios jovens. Ele garante que a participação dos índios na educação e no cenário político do País é uma questão de sobrevivência.



ALERTA É preocupante o índice de mortalidade infantil entre a população indígena

ROUPAS IMPROVISADAS

Ritual feito com muita originalidade

Os rituais são originais, mas as roupas são improvisadas. Com palha de coqueiro, folhas de mangueira e penas artificiais os 120 índios da Casa de Saúde do Índio da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), comemoraram ontem um dia de glórias.

Mesmos os 70 doentes acompanharam a festa sentados ou ensaiando passos de dança. Entre elas a Dança da Tucandeira, da etnia sateré-maué; a Festa da Moça, dos ticunas, e a Dança do Dabacuri, dos tucanos.

Jeferson Padilha, 29, índio sateré-maué, dançou com pneumonia e com a clavícula fraturada. Nem a dor o impediu de festejar o que ele chama de "memórias tristes". "Hoje é dia de lembrar dos nossos parentes que morreram. É um dia de tristeza. Mas nós temos que lembrar a glória do povo índio", disse o sateré. Essa idéia os índios Macuxi compartilham com ele e



RITMO Índios mostraram ontem que também sabem dançar

cantaram para recordar uma época em que as tribos indígenas eram abundantes e viviam sem os problemas do mundo moderno. Para o sertanista Estevão Rodrigues, que durante 47 anos trabalhando na Funai constatou que o contato com o mundo externo degrada definitivamente qualquer etnia

indígena. "Os índios acabam aprendendo uma outra cultura, que não é nem de perto parecida com a sua, sem raciocinar com a mentalidade do povo dessa cultura", disse. A única possibilidade de resgate cultural dos povos indígenas, segundo ele, passa pela educação, que é a busca da cidadania.

Mortalidade é grande Semana conscientiza comunidades

Morrem todos os anos no Brasil 87,1 crianças índias para cada mil nascidas. No Amazonas a proporção é semelhante e está longe de atingir a meta estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que é de 24 mortes para mil nativitos.

Não é apenas isso. Todos os dados relacionados à saúde da criança indígena são incompletos e insuficientes. O motivo é a grande dificuldade de mapeamento das comunidades indígenas em função da localização geográfica, cultura e educação.

Estes também são os principais fatores de entrave no avanço da melhoria da saúde desses povos. O outro é a falta de políticas públicas destinadas à saúde da criança.

Por isso, a situação no Brasil é ruim, segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, Lincoln Freire, 51. O assunto foi discutido no 2º Fórum de Saúde da Criança Indígena, ontem, no auditório do Conselho Regional de Medicina (CRM).

A prova vem em mais números. As doenças sexualmente transmissíveis e aids já chegaram nas comunidades indígenas. No

ano passado foram registrados 37 casos de aids no Brasil, destes, 12 no Amazonas. Um deles foi a de uma criança índia que contraiu o vírus HIV da mãe.

"Esses números devem estar subcalculados, já que apenas 150 índios aceitaram fazer o teste de aids no Estado", disse Freire. Com uma população estimada em 90 mil índios, segundo a Funai, a proporção de índios examinada não consegue retratar o real quadro do problema.

Do fórum, além de uma proposta para implementação de políticas voltadas à saúde da criança indígena, saíram exemplos de sucesso criados no Amazonas. Entre eles um manual com os principais diálogos entre médicos e pacientes índios, reduzido em todas as línguas étnicas do Estado.

O manual, produzido e utilizado no Instituto da Criança do Amazonas (Icam), tem facilitado e otimizado o atendimento de pacientes índios. O outro é a adaptação dos leitos do Icam aos costumes e habitações indígenas. E uma terceira experiência, trazida de Roraima, que é a colocação de redes para pacientes e acompanhantes.

A Semana dos Povos Indígenas termina domingo, 21, com um saldo positivo. A certeza de que, além de festa, a consciência sobre os problemas e soluções das comunidades indígenas foi reforçada.

Foram cinco dias de discussões e intercâmbio cultural entre as etnias. No domingo, o encontro termina com a peça teatral "O Casamento da Filha do Mapiuari", aberta ao público. Antes disso, um show acústico de Tony Medeiros e do grupo musical Wiyægüttikum, formado por índios, farão a confraternização dos participantes.

Ainda estarão lá peças de artesanato, livros sobre o tema indígena e fotos dos povos da floresta e representantes de tribos do Amazonas.

A expectativa dos organizadores do evento é atrair a sociedade de um modo geral para participar da comemoração em favor da sobrevivência dos povos indígenas.

EM BRASÍLIA

Amazonas foi representado

ANTÔNIO PAULO DA SUCURSAL

BRASÍLIA - A tribuna e o plenário da Câmara dos Deputados foram ocupados ontem não por políticos de terno e gravata, mas por cerca de 500 índios vindos de todo o País. Pintados e com trajes de guerra, carregando arco, flechas e bordunas, representantes de 80 povos indígenas foram reivindicar mudanças no Estatuto do Índio, pois, segundo eles, o projeto de lei apresentado pelo Governo Federal constitui-se numa grave ameaça aos seus territórios às culturas, à integridade e ao futuro quanto povos diferenciados. Os

índios também lembraram do 4º aniversário do assassinato de Galdino Jesus dos Santos, índio Pataxó Hã-Hã-Hã, queimado por jovens brasileiros quando dormia num banco de praça na capital federal. Representando o Estado Amazonas estava presente na Assembleia dos Povos Indígenas José Maria Piratapuia, membro da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (Foirn), com sede no Município de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus). "O Estatuto que querem aprovar não atende o interesse do índio, tanto do Amazonas quanto do resto do Brasil. Vimos aqui para falar com os deputados. Queremos diálogo e unificar as propostas para todo o nosso povo", diz

José Maria Piratapuia. Para o representante do povo piratapuia, a situação do índio brasileiro não está pior porque as comunidades estão mais organizadas. E esse avanço do movimento indígena é o destaque do documento final da Conferência Indígena de Coroa Vermelha, na Bahia, realizada no ano passado nas comemorações dos 500 anos do Brasil. A retomada de territórios ainda invadidos e a emergência das lutas pelo reconhecimento étnico-cultural e territorial dos povos antes tidos como extintos; o fortalecimento das lideranças que passaram a tomar iniciativas no sentido da melhoria das condições de vida dos povos e comunidades indígenas, assim como a formulação das propostas de políticas públicas em áreas como as da saúde e educação.